



Marcas da infância em cadernos escolares de crianças em processo de alfabetização

Eliane Peres

Professora da Faculdade de Educação/
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

etperes@terra.com.br

este trabalho faz parte de um projeto mais amplo desenvolvido na Faculdade de Educação da UFPel, e de um grupo de pesquisa (CNPq) que levam o mesmo nome: HISALES (História da Alfabetização, Leitura e Escrita e dos Livros Escolares). O objetivo principal do HISALES é desenvolver estudos sobre história da alfabetização e sobre práticas de leitura e escrita.

No âmbito desse projeto temos feito um esforço para constituir acervos que revelam aspectos da história da alfabetização no Rio Grande do Sul. Já dispomos, entre outros, de uma centena de cartilhas escolares (PERES, 2006), de planejamentos manuscritos de professoras (diários de classe), de exercícios escolares, de cartazes e outros materiais didáticos de alfabetização, além de cadernos de alunos. É a partir de parte desse acervo que propomos este trabalho. Temos um conjunto de 72 cadernos escolares de crianças em processo de alfabetização pertencentes ao acervo do grupo de pesquisa, recolhidos especialmente, mas não exclusivamente, em Pelotas.

Eles se referem ao período que vai da década de 1940 até os anos 2000, sendo que um (01) caderno é dos anos 40, um (01) dos anos 50, um (01) dos anos 60, seis (06) dos anos 70, onze (11) dos anos 80, dezoito (18) dos anos 90, trinta e quatro (34) dos anos 2000. Desses, fizemos a escolha de sete cadernos, um de cada década¹.

A partir desse material, o objetivo geral do estudo, que é o de identificar quais são as “marcas” da infância em cadernos escolares de alfabetização, desdobra-se nas seguintes questões: quais *infâncias* são reveladas nos cadernos ao longo de seis décadas? Quais mudanças e/ou permanências são perceptíveis em relação à infância nesse período? Como as crianças são representadas e se representam nesse material? Há diferenças na materialidade desse objeto ao longo do tempo? E, por fim, considerando que “os cadernos de alunos introduzem as gerações mais jovens em uma certa cultura escrita” (CHARTIER, 2007, p. 23), procura-se compreender de que forma a infância, no período que vai dos anos 40 até a atualidade, tem sido introduzida na cultura escrita. Procura-se elucidar o quê muda e o quê se mantém ao longo dessas décadas no processo de alfabetização de crianças brasileiras.

Como afirmou Chartier, (2007, p. 23), considerando que essa fonte (ou objeto) de investigação, caderno escolar, é, “ao mesmo tempo, fascinante e enigmática, difícil de tratar e de interpretar, justamente por sua aparente banalidade”, procurou-se extrair do material, de forma

¹ Na escolha para a década de 70 em diante - período do qual dispomos de um maior número de cadernos considerou-se o que segue: a data, ou seja, procurou-se selecionar cadernos de meados de cada década para garantir um intervalo semelhante entre um e outro caderno (mais ou menos uma década), a questão de gênero (meninos e meninas), a localidade (mais de uma cidade).

articulada e comparativa, como as crianças em processo de alfabetização “aparecem” em um dos suportes mais importantes da cultura escolar: os cadernos, em especial na fase inicial da escolarização, ou seja, a da alfabetização.

1. Apresentando os cadernos

Considerando que “el cuaderno de clase es uno de los pocos elementos de la práctica escolar que ha sufrido un significativo proceso de naturalización” (GVIRTZ, 1999, p. 29), tomamos esse suporte da escrita, como denomina Hébrard (2001), ou dispositivo escritural, como caracteriza Chartier (2002), ou, ainda, objeto-memória”, conforme Mignot (s/d), na perspectiva de “desnaturalizá-lo” e problematizá-lo. Para isso, utilizamos sete cadernos da coleção de que dispomos, de tempos e espaços diferentes, em um esforço para tentar compreender, para além da atividade da aprendizagem da escrita, formas de “ser e estar” criança no mundo e na escola, em um período de 60 anos, entendendo que eles carregam uma “memória autobiográfica” (MIGNOT, s/d). Como afirma Viñao (2008, p. 16), mesmo sendo um documento que possui um caráter disciplinado e regulado, o caderno “permite entrever, em ocasiões, a ‘personalidade’ do aluno, além de incluir referências a si mesmo, a seu mundo familiar e a seu entorno social”. Os cadernos são, para esse autor, uma produção infantil, um espaço gráfico e um produto da cultura escolar (VIÑAO, 2008, p. 15)

A tarefa primeira foi, então, dada a complexidade dessa fonte, a de manusear repetidamente o material, com a experiência de que “folhear velhos cadernos escolares desperta múltiplos sentimentos”, pois “envolve recordar normas, valores, condutas” (MIGNOT, s/d). A tarefa seguinte foi, então, tentar descrever o material escolhido para apresentação. No quadro abaixo se procura fazer uma “síntese” dos aspectos gerais desses cadernos com alguns dos dados disponíveis:

Quadro 1

Ano	Dimensões do caderno	Dados Gerais
1943	23,5x15,5	Caderno de um menino. Sem capa.
1958	21x15,5	Caderno de um menino. Encapado com papel de embrulho de loja (Lojas Renner). 1958 foi registrado pela doadora do caderno –a mãe -, embora não haja registro de ano no interior do mesmo; as datas apenas registram dia e mês.
1960	21,5x15,5	Caderno de um menino. Encapado com papel embrulho marrom, com inscrições feitas a posteriori, pela mãe, por ocasião da doação.
1975	22x15,5	Caderno de um menino. Capa dura, com várias figurinhas coladas: bola, carro, bicicleta avião, pássaros, barcos.
1987	20x15	Caderno de uma menina.

		Encapado com papel embrulho verde, colado com fita isolante preta. Desenhos feito pela aluna sobre o papel. Sob a capa do próprio caderno há carimbos da escola e de um “doador”, propaganda política.
1995	27,5x1 9,5	Caderno de um menino. Imagem de um grupo de jovens, rapazes e moças. <i>Imagem e Mensagem</i> .
2007	27,5x2 0	Caderno de uma menina. Imagem de uma atriz/cantora da novela “Rebelde” ² .

Foi, portanto, a partir desse material que as problematizações a seguir foram feitas.

2. Onde está a infância nos cadernos? Qual infância?

Considerando que “a infância não é um objeto natural, mas instituição social produzida em práticas familiares e institucionais datadas” (HANSEN, 2002, p. 61), procurou-se perceber, em um intervalo de pouco mais de 60 anos (1943-2007), *se e como as infâncias se manifestam nos cadernos de alfabetização*.

Os desenhos, os carimbos coloridos, as gravuras recortadas, os versinhos, as palavras “soltas”, os registros nas margens, são os indícios (GINZBURG, 2007) mais significativos da infância presentes nos cadernos escolares. Em alguns casos, eles revelam até uma certa “irreverência”. Um exemplo disso está manifestado na face interna da capa do caderno de 1987, da

² Rebelde é uma novela mexicana que foi veiculada pela rede de televisão SBT, entre 2005 e 2006. A capa desse caderno reproduz a vocalista da banda RBD que surgiu a partir da referida novela.

Normalmente são nas capas, contra-capas ou nas últimas páginas, quando há “sobra” de páginas, que se manifestam as *liberdades gazeteiras* (DE CERTAU, 1994) de uma infância que “brinca” com lápis e papel. Um exemplo é o caderno de 1995, de um menino, morador da cidade de Piratini, sul do Estado. As últimas páginas do caderno foram usadas para escrever livremente, desenhar, “borrar”. Ele reproduz, usando papel carbono, distintivos do time de futebol (Grêmio), dinheiro, o nome completo de todos os familiares, etc. Além disso, escreve e desenha à caneta (objeto não utilizado no caderno, na parte “escolar”). Isso tudo indica usos “não-escolares” dos cadernos e, muitas vezes, não permitidos na escola.

Discretamente também a partes externas das margens, que não podem e não devem ser usadas, são, em alguns casos, utilizadas pelos alunos. No caderno de 1958, por exemplo, o aluno enumera as páginas na margem esquerda, superior.

Percebe-se, contudo, que o uso da margem é autorizado à professora: notas, sinais de certo e errado, observações como *bom, ótimo, muito bem, legal*, etc., são colocadas nesse espaço “não-autorizado” ao aluno, mas permitido ao professor. O caderno é, portanto, também um objeto de controle, vigilância, observação e “correção” do trabalho escolar das crianças.

Os desenhos, sempre muito coloridos, estão presentes em praticamente todos os cadernos aqui considerados. É preciso observar que “o desenho infantil se liga a conquistas internas próprias da representação” (SEBER, 1995, p. 91). Para a autora, “além de refletirem conquistas

propriamente representativas, é importante acrescentar que, assim como acontece com qualquer outra atividade, os desenhos manifestam igualmente traços individuais de personalidade” (p. 83).

É interessante perceber que os desenhos, nos cadernos, são de dois tipos. Um primeiro tipo é daqueles que são utilizados como recurso didático, ou seja, estão associados às letras, palavras, frases ou textos, no caso da Linguagem, ou aos numerais, problemas, operações, no caso da Matemática. Em sua grande maioria são representações de objetos seguidos da palavra ou das palavras (por exemplo, ovo, uva, igreja, bola, sapato, etc.) diretamente associados ao processo de alfabetização. Essa associação entre imagem e escrita tem sido defendida desde o século XVII, e um dos primeiros a fazê-lo foi Comenius, que publicou, em 1657, *Orbius Pictus*, um livro ilustrado que associava uma imagem à cada palavra, para facilitar a aprendizagem do latim pelas crianças (GOMES, 1966).

Um segundo tipo de desenhos parece ser de caráter mais espontâneo. Normalmente muito coloridos, eles representam cenas nas quais não faltam pessoas, árvores, flores, bichos - especialmente pássaros -, céu, sol ou chuva, montanhas, rios e, invariavelmente, casa ou casas. Há muitos estudos sobre o desenho infantil (Cf. GOBBI & LEITE, 1999), não é o caso aqui de fazer uma análise mais aprofundada dessa questão. Contudo, vale referir o estudo de Grubits (2003). A autora afirma que pesquisas sobre a identidade de crianças indicaram a casa como tema freqüentemente escolhido nos trabalhos de expressão artística. Baseada em Royer, afirma que a casa aparece “como representativa dos elementos mais fundamentais do ser (...), de sua própria

essência” (p. 99). Para Grubits a representação da casa está “intimamente relacionados à cultura, sociedade, vida e tradição familiar e, finalmente, à identidade” (p. 97). A casa como elemento simbólico expressa, portanto, acima de tudo, um sentimento de pertencimento individual e social.

É importante observar que, paulatinamente, os desenhos desaparecem dos cadernos, quer pelo uso de uma nova tecnologia, o mimeógrafo³, razão pela qual os desenhos “vêm prontos”, quer pelas próprias mudanças pelas quais passa a infância.

Ao contrário dos cadernos de 1943, 1958, 1968, 1975, 1987, no de 1995 não há desenho algum feito pela criança, apenas reproduções mimeografadas desses em exercícios e atividades escolares. Raros são os desenhos no caderno da aluna que freqüentou a escola em 2007. Pergunta-se: haveria os “famosos” cadernos de desenhos? Abundância de folhas para desenhos? As crianças não mais desenhavam com a mesma freqüência? A criança que freqüenta uma classe de alfabetização, por volta de seis ou sete anos, não está mais “autorizada” a desenhar? Não gosta mais de desenhar? A infância mudou? O uso do caderno se alterou? A escola e a alfabetização passaram por modificações? As “novas tecnologias” determinaram novas práticas pedagógicas? Como descreveu Mignot (s/d) “folhear velhos cadernos escolares desperta múltiplos sentimentos”,

³ O “Mimeógrafo (1876), um dos instrumentos mais usados pelas escolas, foi idealizado por Thomas Edison, o inventor da luz elétrica. Edison criou um dispositivo que simplificava a duplicação de desenhos e de escritos no mimeógrafo. A possibilidade de reprodução em série de textos e documentos, com o uso do estêncil a álcool, chegou até a ser reprimida inicialmente, mas não impediu que o mimeógrafo acabasse se tornando um aliado da rotina escolar”. PORTAL MULTIRIO. *Os seculares parceiros do professor*. Disponível em <http://www.multirio.rj.gov.br/portal/area.asp?box=N%F3s+da+Escola&area=Na+sala+de+aula&objeto=na+sala+de+aula&id=2744>. Acesso em: 02 jun. 2008.

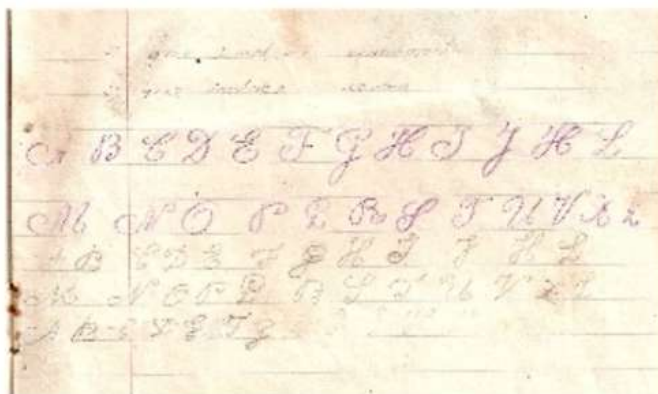
que são, principalmente, o da dúvida e o da incerteza... Para algumas das questões acima temos alguns elementos para as respostas, para outras estamos longe de consegui-las. Por isso, é preciso salientar que as “marcas” da infância nos cadernos são de difícil apreensão. Contudo, alguns indícios (GINZBURG, 2007) são visíveis como se procurou salientar: os versinhos, os desenhos, as figurinhas recortadas e coladas, os registros “para além da escola”. Era “autorizado” desenhar, pintar, colar, escrever versinhos, nomes, números nas páginas do caderno? Havia um limite gráfico e normativo para tais atividades? Eram feitas sem a permissão da professora? Havia represálias nesses casos? São também perguntas de difíceis respostas. No entanto, não há dúvidas que os desenhos são, nesses cadernos, de *alunos-crianças*, a marca mais “forte” de uma infância que se modifica, junto com as modificações na prática e na frequência do desenho no contexto escolar e do próprio objeto caderno.

3. A alfabetização da infância nos cadernos. Qual alfabetização?

A perspectiva, aqui, é observar separadamente cada um dos cadernos para, então, ter-se uma idéia do conjunto desse material no que tange à alfabetização da infância no período em questão.

Sobre o caderno de 1943 – o mais antigo do acervo -, parece ser de um momento em que o aluno estava em processo de *consolidação da alfabetização*. Nele há textos (um mesmo texto

repetido várias vezes), palavras, o alfabeto minúsculo e maiúsculo, a partir do modelo do professor (uso da caneta pelo professor e do lápis pelo aluno).



Caderno de 1943 (Acervo HISALES)

A ausência da capa do caderno e as datas registradas no sistema americano (dia e ano: 18-1943, por exemplo), tornam difícil uma identificação mais precisa da localidade, do período das atividades, entre outras coisas. Ao final dos exercícios, contudo, há sempre o mesmo nome: Frederico Dittgen, indicando o possível “dono” de tal caderno. O nome completo, aliás, em todos os cadernos aqui apresentados, é marca de identidade, seja na capa ou no interior do caderno, geralmente ao final dos exercícios ou, como em alguns casos, como sendo o próprio exercício: encher linhas com o nome ou escrever várias vezes o nome completo (dez, doze vezes) a partir do modelo feito pela professora, é atividade comum nesses cadernos e que talvez seja específico de crianças em fase de alfabetização: uma vez que estão aprendendo a escrever, é “legítimo” que

copiem repetidas vezes o próprio nome, ou seja, que a façam – a aprendizagem da escrita – a partir de sua identidade, caso contrário qual o sentido de repetir inúmeras vezes o próprio nome?

Aparecem, ainda, no caderno de Frederico, desenhos que, ao que parece, foram feitos a partir de modelos (decalques) e cópia de máximas, como, por exemplo, *O nosso melhor amigo é Cristo, O bom menino ama seus pais*. Há, também, a atividade que é recorrente em todos os cadernos: o ditado. No caderno de Frederico, cada palavra errada era copiada cinco vezes, uma abaixo da outra. Ao que tudo indica, uma alfabetização que se fazia pela reprodução e pela cópia, fundamentalmente.

Não há indicadores mais precisos, nesse caderno de 1943, de métodos ou cartilhas de alfabetização, como no caso dos outros. O caderno de 1958, por exemplo, é de um menino, morador do interior do estado do RS, que foi alfabetizado pelo método global. Os anos 50 no Rio Grande do Sul marcam a emergência da utilização do método global, conforme mostramos em outros trabalhos (PERES & CEZAR, 2003; PERES & PORTO, 2004). A referência aos personagens *Olavo* e *Élida* presentes ao longo do caderno, permite identificar a cartilha utilizada: *A cartilha do Guri*. Parte de uma coleção, *Coleção Guri*, cujas autoras são Rosa M. Ruschel e Flávia E. Braun, publicado pela Tabajara Editora, essa cartilha tem como base a palavração. A palavra, a sentença e o texto com sentido completo, desde o início da alfabetização, eram a base dessa proposta. Nesse sentido, o caderno escolar remete ao livro didático, permitindo conhecer, como indicou Viñao (2008), quais e como eram utilizados os livros de textos no cotidiano escolar.



Caderno de 1958 (Acervo HISALES)

Além de palavras e frases, em letra cursiva e *script*, há muitos números (seqüências: 21, 22, 23...) e operações de adição e subtração. Em cada página praticamente há um pequeno desenho colorido ou um carimbo, presença, aliás, em quase todos os cadernos.

Apesar de estar encapado com papel das Lojas Renner, a capa original é acessível e indica os seguintes dados: CADERNO ESCOLAR PALMEIRA. Casa Editora Fábrica de Livros em Branco ROTERMUND & CIA LTDA – SÃO LEOPOLDO.

Essa também é a identificação do caderno de 1960 que, aliás, é de um aluno da mesma família do “proprietário” do caderno de 1958. Dois anos depois o irmão alfabetiza-se na mesma cidade (Três de Maio, interior do RS) e também com o método global, indicando a hegemonia e a permanência desse método no RS nesse período. Contudo, nesse caso, a cartilha utilizada foi *Marcelo, Vera e Faísca*, cuja base é, também, a palavração. Cópias de pequenos textos, frases e palavras, ditado, soma e subtração são as principais atividades. Nesse caderno, há, também, embora em menor número se comparado aos demais, desenhos e carimbos coloridos.

Nesse caso, ainda, é utilizada apenas a letra *script*. Como indicamos em outro trabalho (PERES, 2003) a questão do tipo de letra a ser usada no ensino da escrita foi um tema controverso no Rio Grande do Sul até o final dos anos 60. A orientação para o uso da letra *script* nesse período baseava-se naquilo que eram consideradas suas vantagens: legibilidade, nitidez, facilidade de aprendizagem, semelhança com a letra de imprensa, simplicidade e beleza (PERES, 2003).

Assim sendo, os cadernos vão revelando as diferentes práticas e representações (CHARTIER, 1990) do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita. Nesses mais de 60 anos (1943- 2007) que os cadernos permitem acompanhar, a alfabetização revela-se um processo histórico de continuidades e rupturas simultaneamente.

No caderno de 1975, por exemplo, de um menino da capital do Estado gaúcho, a atividade de “encher linhas” de letras, sílabas e palavras, predomina, revelando o momento do “declínio” do uso do método global e a utilização do método sintético, com o que se convencionou chamar “método

silábico” (ba, be, bi, bo, bu). Os estudos específicos do campo da história da alfabetização indicam os anos 70 como tendo tido forte influência da lingüística e, com isso, a ascendência dos métodos sintéticos, em especial os que utilizam o processo silábico ou fonético para o ensino da leitura e da escrita.

Utilizado durante todo o ano de 1975 e parte de 1976, o caderno revela a fase inicial da alfabetização de uma criança. A cópia e a repetição são a base de tal processo.



Caderno de 1975-1976 (Acervo HISALES)

Entende-se, como Chartier (2007, p. 23), que os cadernos de alunos introduzem as gerações mais jovens em uma certa cultura escrita. Viñao (2008, p. 17) argumenta que os cadernos

escolares “constituem a fonte mais idônea, caso exista, para o estudo do ensino, da aprendizagem e dos usos escolares da língua escrita, ou seja, da alfabetização escolar e da difusão, nesse âmbito, da cultura escrita”. Para Hébrard (2001, p.121), trata-se de “um testemunho precioso do que pode ter sido e ainda é o trabalho escolar de escrita”. Além disso, o autor indica que:

O estudo dos cadernos escolares parece mostrar que, por meio do exercício, passa a acontecer não somente uma técnica do corpo, mas também uma técnica intelectual específica do saber de fazer gráficos. Fazer exercícios é aprender a apresentar. É preciso aprender a tomar essa expressão em todos os sentidos. Apresentar, isto é, guiado por uma preocupação constante de limpeza, de boa manutenção, de elegância ingênua ou afetada, fazer do caderno o pequeno teatro do saber escolar (HÉBRARD, 2001, p.137).

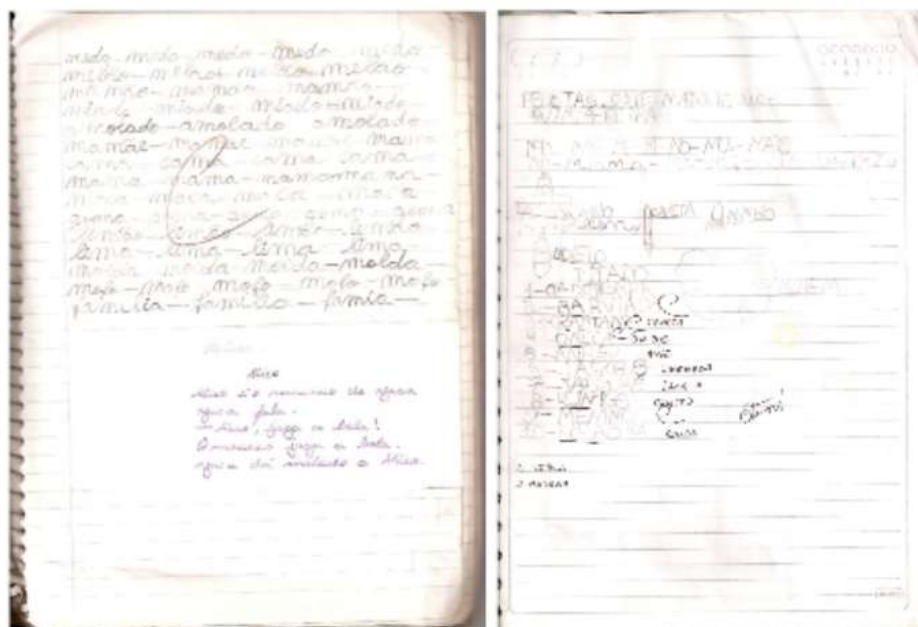
O caderno de 1975 revela que o “fazer gráfico” era um saber escolar preservado e ‘perseguido’. Ordem, capricho, repetição, homogeneidade do traçado são algumas das características desse material. Para Viñao (2008, p. 23) a razão para isso parece óbvia: “o ‘efeito estético’ tem também um sentido ético, regularizador e disciplinar” (...).

O caderno de 1987, de uma menina, moradora da zona rural e que freqüentava uma classe multisseriada, é do segundo semestre letivo, inicia-se em outubro daquele ano com o registro de frases e cópia de pequenos trechos de textos. Muitas atividades de formar palavras, separar sílabas, ditado, completar palavras, etc, são bastante comuns, indicando, talvez, um processo de *didatização* mais acentuada da língua escrita. Exercícios variados são propostos e realizados pela aluna. Uma hipótese possível e plausível para tal constatação pode ser associada, entre outras

coisas, a produção didática do período. Os anos 80 marcam o *boom* da produção de livros escolares no Brasil que pode ter influenciado diretamente a prática do ensino da leitura e da escrita. Realizar exercício, principalmente com palavras, parece ter tomado o lugar da cópia.

Em relação à materialidade desse caderno o que merece destaque é o seguinte: apesar de estar encapado com papel de embrulho a capa original é acessível. Nela há dois carimbos: um da escola, com nome completo e localização e outro do possível “doador”: *Distribuído pela SME. José Maria. Acima de tudo Pelotas*. Trata-se, possivelmente, de propaganda política que anos depois foi proibida de veicular em objetos escolares.

Por fim, os cadernos de 1995 e de 2007 marcam diferenças significativas em relação à alfabetização e à infância, duas questões em evidência nesse trabalho. A começar pelo tamanho e pela capa dos cadernos: são cadernos grandes (27,5x20), de espiral, cujas capas retratam, em um caso, uma artista de novela, e, no outro, um grupo de “sarados” jovens. São mudanças visíveis que indicam novos usos e representações do/para os cadernos escolares. Em relação aos novos usos chama a atenção nesses dois casos (1995 e 2007) que eles não são mais utilizados para cópia manuscrita, mas para colagem de folhas de exercícios mimeografados. Ambos os cadernos tem escassas páginas com cópias manuscritas, sendo utilizados fundamentalmente para “guardar” as folhas mimeografadas de textos, frases ou palavras e de exercícios de linguagem.



Cadernos de 1995 e 2007. (Acervo HISALES)

Em relação à alfabetização os cadernos, em um curto espaço de doze anos, revelam duas perspectivas completamente contrárias no campo do ensino da leitura e da escrita: um indica o uso do “método silábico”, e outro uma tendência construtivista (FERREIRO & TEBEROSKY, 1985), apontando para necessidade da compreensão de que os movimentos históricos não devem remeter a um conceito operativo de história como temporalidade linear, conforme indica Mortatti (2000). No campo da história da alfabetização é preciso relacionar dialeticamente diferenças e semelhanças, continuidade e rupturas, passado, presente e futuro.

Considerações Finais

As *infâncias* reveladas nos sete cadernos de crianças em fase de alfabetização demonstram seu caráter mutável, histórico e cultural. De uma infância que pinta e desenha a natureza e a casa, fundamentalmente, para uma infância que aprecia “Rebelde” (capa do caderno de 2007) e jovens bem vestidos e com corpos “esculturais” (capa do caderno de 1995), as crianças são “frutos” de uma época e de um determinado espaço. Longe de serem seres naturais ou a-históricos os *alunos-crianças* são “produtos” e “produtores” de uma determinada cultura que se expressa, também, nas práticas e nos objetos escolares, entre eles os cadernos.

Contudo, procurou-se destacar, nesse trabalho, pela natureza do material em pauta, apenas *uma determinada infância*: a escolar, que é regulada e controlada através de práticas que determinam e limitam espaços, como é o caso do uso do caderno.

Os cadernos aqui apresentados indicam, também, que houve significativas mudanças, tanto do ponto de vista da materialidade do objeto (tamanho, capa, gravuras, etc), quanto da proposta pedagógica de alfabetização. Do método global ao “método silábico”, à perspectiva construtivista, esses objetos registram a própria história dos “métodos” de alfabetização no Brasil. Mostra, ainda, as formas e os sentidos a partir dos quais crianças brasileiras estão sendo inseridas na cultura escrita, pelo menos nos últimos 60 anos. Os cadernos escolares de crianças em processo de

alfabetização são, portanto, potenciais para estudar a história do ensino da leitura e da escrita no Brasil.

A problematização desse material permite, também, debater algumas questões relacionadas às fontes de pesquisa para História da Educação, em geral e História da Alfabetização, em especial. Na medida em que se admite que a História “se faz a partir de qualquer traço ou vestígio deixado pelas sociedades passadas e que, em muitos casos, as fontes oficiais são insuficientes para compreender aspectos fundamentais” [do cotidiano escolar] (LOPES & GALVÃO, 2001), precisa-se criar a cultura da preservação de determinados materiais (como diários de classe, cadernos, livros, exercícios, provas, etc.). Ao atribuir estatuto de fonte e de objeto de estudos – ao dizer às pessoas que esses materiais são fundamentais – pode-se criar a mentalidade da preservação. Nesse sentido, nosso trabalho precisa abarcar pelo menos três dimensões: a primeira é exatamente o esforço de criação de uma cultura de valorização e conseqüente preservação desse material; a segunda, o debate e as estratégias efetivas de políticas de acervo; por último, a (re) invenção de metodologias de exploração e de análise dessas fontes de pesquisa. Tarefa coletiva para ainda muitas gerações de pesquisadores. No que tange aos cadernos escolares não há dúvidas sobre isso!

Referências bibliográficas

CHARTIER, Anne Marie. Um dispositivo sem autor: cadernos e fichários na escola primária. *Revista Brasileira de História da Educação*. Nº 3. Campinas, SP: Autores Associados, janeiro/junho, 2002.

CHARTIER, Anne Marie. Exercícios escritos e cadernos de alunos: reflexões sobre práticas de longa duração. In: CHARTIER, Anne Marie. *Práticas de leitura e escrita*. História e atualidade. Belo Horizonte: Autêntica. CEALE. Coleção Linguagem e educação, 2007.

CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. Morfologia e história. 2ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOBBI, Marcia & LEITE, Maria Isabel. O desenho da criança pequena: distintas abordagens na produção acadêmica em diálogo com a educação. 22ª Reunião Anual da ANPED. GT7 - Educação Infantil, 1999. Disponível em <http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/LEITE.pdf>

GOMES, Joaquim Ferreira. Introdução. In: COMÊNIO, João Amós. *Didactica Magna*. 4ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.

GVIRTZ, Silvina. *El discurso escolar através de los cuadernos de clase*. Buenos Aires: Editorial Universitária de Buenos Aires, 1999.

GRUBITS, Sonia. A casa: cultura e sociedade na expressão do desenho infantil. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, num. esp., p.97-105, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa12.pdf>

HANSEN, João Adolfo. Educando príncipes no espelho. In: FREITAS, Marcos Cezar de & KUHLMANN JR., Moysés. *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002.

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – séculos XIX e XX). In: *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas/SP: Editora Autores Associados, nº 1, p.115- 141, jan. / jun. 2001.

LOPES, Eliane Marta Teixeira & GALVÃO, Ana Maria. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Um certo objeto-memória: apontamentos sobre cadernos escolares. s/d Disponível em <http://www.lab-eduimagem.pro.br/frames/seminarios/pdf/commig.pdf>

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização*. São Paulo – 1876/1994. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.

PERES, Eliane. O ensino da linguagem na escola pública primária gaúcha no período da renovação pedagógica (1930-1950). In PERES, Eliane e TAMBARA, Elomar (orgs). *Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX-XX)*. Pelotas: Seiva Publicações e FAPERGS, 2003.

PERES, Eliane. Desenvolvimento do Projeto de Pesquisa *Cartilhas Escolares* em Pelotas (RS): organização do trabalho, fontes e questões de investigação. In: FRADE, Isabel C.S. & MACIEL, Francisca I.P. *História da Alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT, Séculos XIX e XX)*. Belo Horizonte: CEALE, FAPEMIG, CNPq, 2006.

PERES, Eliane & CEZAR, Thais Moreira. A divulgação e a adoção do Método global de ensino da leitura no Rio Grande do Sul (1940-1970). *Anais do IX Encontro Sul-rio-grandense de pesquisadores em História da Educação: História da Educação, Literatura e Memória*. Porto Alegre, ASPHE, junho de 2003.

PERES, Eliane & PORTO, Gilceane. A produção e a circulação de cartilhas do Método global de ensino da leitura no Rio Grande do Sul (décadas de 40-70). In: LEAHY-DIOS, Cyana (org).

- Espaços e Tempos de Educação* (Ensaio). C.L. Edições. Brazilian Studies Associations (BRASA), Núcleo de Trabalhos e Estudos em Educação, 2004.
- SEBER, Maria da Glória. *Psicologia do Pré-escolar*: uma visão construtivista. São Paulo: Moderna, 1995.
- VIÑAO, Antonio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *Cadernos à vista*: Escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.